

Tael sorriu com ironia. — Então sou um prisioneiro, né? — Não há escolha. Posso sentir vários T'au totalmente armados logo ali na porta. Me leve até lá. Se isso realmente for uma chance de mudança entre humanos e a raça T'au, estou disposto a fazer minha parte. Ele se levantou e seguiu a mulher. Para ser sincero, quando a porta se abriu, ele percebeu que era a melhor oportunidade de fuga. Bastaria agarrar o pescoço dela, tomar o veículo e fugir. Mas não ousou. Além disso, não havia necessidade. A mulher, percebendo o olhar atento de Tael, puxou conversa: — Você sabe... o Império T'au é bem menor que o Império Humano. Os privilégios que lhe oferecemos consideram isso. — Para ser franca, nem sequer preparamos uma "Sala de Assimilação" para os Kroot. — Sala de Assimilação? — Tael ergueu a sobrancelha. — É assim que chamam? Até que é bem confortável. Ele perguntou, então: — Se sabem da diferença de tamanho, por que ousam atacar repetidamente territórios do Império? Se não se expandissem, os Altos Lordes nem saberiam da existência de vocês. A resposta dela foi impecável: — Para espalhar o Grande Bem. Tael percebeu que a conversa havia ficado tensa. Resolveu encerrá-la e seguiu em silêncio até a sala de reuniões. Curiosamente, sua arma laser lhe foi devolvida. Lá, encontrou representantes de ambos os lados. Pelo Império T'au: a Senhora Novah, que o "capturou", um alto membro do Clã da Água e um guerreiro do Clã do Fogo, de postura rígida, com um tradutor auricular. Pelo Império Humano: um típico diplomata, trajando roupas elaboradas e um chapéu extravagante, e um almirante da Marinha Imperial — provavelmente o comandante de um cruzador leve. Foi então que uma voz áspera ecoou: — Tael! Sabia que você era azarão da 36ª Companhia! Taikess! Como Tael sentiu falta daquele velho rabugento! Ele assentiu, constrangido, e sentou-se ao lado da delegação imperial. Os assentos dos T'au eram estranhos: almofadas no chão, onde eles se ajoelhavam e dobravam as pernas sob o corpo. Chamavam aquilo de "postura correta". Parecia uma tortura para os joelhos. Já os humanos, exceto o diplomata, estavam todos sentados de pernas cruzadas ou em poses relaxadas. Tael escolheu a mais confortável: do jeito que bem quisesse. Sob os olhares dos presentes, ele se acomodou no chão enquanto uma projeção holográfica elegante dos T'au era ativada. Primeiro, o símbolo circular característico deles, seguido por uma mensagem em Gótico, explicando a aproximação do Enxame Behemoth. A imagem, infinitamente mais nítida que as projeções esverdeadas do Império, mostrava inicialmente apenas o vácuo, pontilhado por estrelas distantes. Nada aconteceu por alguns minutos... até a tela tremer levemente. De repente, enormes naves biológicas surgiram, seus corpos colossais rodeados por criaturas voadoras rápidas. Tael reconheceu-as do manual de infantaria: os humanos as chamavam de Naves Leviatã, verdadeiras fábricas de guerreiros do Enxame. Com biomassa suficiente, produziam hordas intermináveis de monstros, devorando planetas inteiros. Involuntariamente, Tael soltou um som de desaprovção — que ecoou como um trovão no silêncio da sala. Mas quase todos continuaram a observar a projeção. Após trinta segundos de imagens perturbadoras, a transmissão terminou em estática, como um prenúncio do destino de quem cruzasse com aquelas criaturas. O alto membro do Clã da Água falou: — Agora... ainda desejam uma aliança conosco? O almirante imperial respondeu: — Devolvam o Sr. Tael. A guerra terrestre não pode prosseguir sem ele. O representante T'au acenou, enquanto Taikess apertou o ombro de Tael com sua mão mecânica e disse, em um tom "afetuoso": — A partir de agora, você lutará pelo Imperador até a morte... ou será devorado pelo Enxame. Tael tremeu: — Isso não é a mesma coisa? --- Capítulo 33: Behemoth (Parte 1) Agora Tael entendia por que os T'au serviram um banquete no almoço: era sua última refeição. Ao ser designado para a linha de frente contra o Enxame, ele percebeu que a morte estava próxima. Como herói da Guarda Imperial, foi posicionado no núcleo do mundo — o Equador, onde ficava o porto estelar T'au. Sua presença ali simbolizava a posição do Império na aliança. Ou seja, o alto comando considerava que deixar Tael e seu Pelotão 15 no coração do território T'au era uma demonstração "razoável" de cooperação. Um mundo onde só Tael se ferrava. Ele foi designado a um batalhão de Colaboracionistas T'au, já que os orgulhosos guerreiros do Clã do Fogo desprezavam humanos e a barreira linguística complicava a comunicação. Os colaboradores serviam como zona neutra entre as forças imperiais e T'au. Mas ignoraram um detalhe: o ódio visceral dos soldados imperiais por "traidores"... e a personalidade problemática do Pelotão 15. Em pouco tempo, estavam "se entendendo no braço" — literalmente. Entre colisões de tanques Diabo-do-Mar e veículos

Frankstein, os trajes de batalha pesados XV8 tiveram que intervir como mediadores enquanto os guerreiros do Clã do Fogo tentavam conter a "discussão física" na garagem. Enquanto isso, Tael preenchia um Relatório de Saúde Mental para o Ministério da Guerra — três páginas de perguntas e opções, como se comer alguns sushis fosse transformá-lo em um T'au. E foi essa pequena transferência que transformou uma discussão em briga... e depois numa batalha de veículos. Agora, fortalecido pelo poder de pensamento dos orcos, Frankstein conseguiu destruir dois trajes de combate, causando a maior perda do Império Humano contra os tau neste planeta até o momento. Afinal, no mundo feudal de Mosenraid, ainda restam centenas de milhares de orcos vivos. E todos eles acreditam que aquele motor de guerra destruído, o veículo de Taylor, o Matador de Orcos, possui um poder de combate muito superior ao de toda a tribo orca. Quanto mais intensa se torna a perseguição do Império contra eles, mais lendas absurdas eles inventam sobre Taylor para contar aos outros orcs verdes. Quando Taylor terminou seu relatório e voltou para seu acampamento, encontrou o local completamente cercado por uma multidão de homens tau do clã da Terra vestindo trajes marrons. Ele abriu caminho entre eles e descobriu que o centro da atenção era justamente seu veículo destruído. Frankstein havia sido reformado pelos membros do Mechanicus do Império e agora se parecia mais com um veículo blindado Chimera, comum no Império. Mas, considerando que enfrentariam os tiranídeos, foi autorizada a instalação adicional de um aríete em forma de diamante e dois lança-chamas laterais de promécio. A nova camada de armadura exibia o tom escuro característico dos veículos do Império, e a bela águia imperial na frente fez com que Taylor não o reconhecesse de imediato. Ele perguntou, surpreso: - O que está acontecendo aqui? Alguém pode me explicar? Sem entender, ele continuou empurrando os membros do clã da Terra até encontrar a Senhora Nova, que lhe disse: - Esses são os engenheiros do clã da Terra. Pelo padrão do Império, seriam os tecnosacerdotes do Mechanicus, responsáveis pela tecnologia e produção. - Eles estão convencidos de que o material deste veículo é algo nunca visto antes, superior ao ceramita e ao adamantium do Império, mas seus instrumentos não conseguem identificar. - Há algo dentro que a tecnologia tau não consegue decifrar. Caso contrário, como um simples veículo blindado do Império poderia destruir dois trajes de combate VX8 "Armadura do Herói" dos tau? Taylor ficou boquiaberto diante daquela cena absurda, incluindo os dois trajes de combate destruídos no canto. Eles eram chamados de "Dreadnoughts tau", um termo levemente herético, já que no Império apenas veteranos honorários dos Astartes têm o privilégio de se tornar Dreadnoughts. Guerreiros com ferimentos fatais podem prolongar sua vida de combate dentro deles, enquanto os trajes de combate tau são vestidos por heróis. Para os tau, usar um traje de combate é uma honra, mas no Império, apenas os Dreadnoughts servem como comparação. Isso mostra a importância desses trajes para os tau, a ponto de serem comparados aos Dreadnoughts pelos humanos. Em outras palavras, para os engenheiros do clã da Terra, mesmo sem armas, dois trajes de combate não deveriam ter sido destruídos por um veículo blindado. Por isso, eles ficaram extremamente interessados no motor, tanto pelo design peculiar quanto pela abordagem única. Depois que os tau do clã da Terra ofereceram comida, bebida e a garantia de não danificar Frankstein, eles começaram a estudá-lo avidamente. Claro, todo esse esforço provavelmente não trará resultados, já que o poder do veículo vem da habilidade da tripulação e do pensamento orco - algo que Taylor desconhecia. Ele só achou vantajoso aproveitar a ingenuidade dos tau para obter suprimentos e concordou feliz com a situação. Mas logo percebeu que seu comunicador começou a emitir ruídos estranhos - um mau sinal. As comunicações tau dependem de naves espaciais, com um atraso muito maior do que os sinais astropáticos usados pelo Império. Alguns meses, talvez? Isso significaria que ele ainda teria alguns dias de paz. Mas quando o comunicador parou completamente e o céu escureceu subitamente, Taylor percebeu que estava terrivelmente enganado. A morte e o julgamento chegaram mais rápido do que ele esperava. O Grupo 15 não eram apenas mensageiros - em parte, também eram portadores de notícias. Com base na experiência humana e tau contra os tiranídeos, a Mente Colmeia usa energia disforme para cortar todas as comunicações do planeta-alvo. Como último recurso, Taylor e seu grupo teriam que transportar as informações manualmente! Claro, as ondas de rádio também são afetadas, e o mesmo acontece com os poderosos psíquicos, que podem neutralizar

os sinais astropáticos do Império. Era o silêncio sufocante antes do banquete dos tiranídeos. Taylor pegou seu telescópio e olhou para o céu a partir da garagem. Inúmeros tentáculos e enormes naves Leviatã já eram visíveis na órbita próxima, enquanto cápsulas de entrega envoltas em biomassa começavam a cair como gotas de chuva negra. Enxames de pequenas gárgulas se aglomeravam como nuvens escuras, girando no ar como uma praga aterradora. Mesmo com as armas de pulso tau disparando incessantemente, destruindo muitas cápsulas e criaturas voadoras, ainda havia uma quantidade imensa chegando ao solo. E agora, a pressão estava sobre Taylor. O Império e os tau estavam lá, mas o enxame não escolheu os mais numerosos - escolheu os mais saborosos. Taylor não teve escolha senão admitir que seu azar era imenso. Com um suspiro carregado de frustração, ele disse, como se fosse óbvio: - Pessoal, preparem-se para fazer o que sabemos fazer melhor. - Fugir.

Capítulo 34 - Behemoth, Parte 2

O enxame tiranídeo era tão terrível quanto um desastre natural. Suas almas vorazes só desejavam devorar toda a biomassa deste mundo. Taylor não resistiu e xingou: - Onde estão as malditas naves espaciais? Para onde foram esses idiotas da Marinha Imperial que só sabem olhar pelos narizes? A Guarda Imperial e a Marinha Imperial eram originalmente chamadas de Guarda Estelar, mas o Codex Astartes de Roboute Guilliman (também conhecido como "Guia do Caos") exigiu que o Império dividisse suas forças militares. O cerne da reforma limitou os Astartes a mil homens por Capítulo, organizados em companhias de cem, reduzindo drasticamente seu poder esmagador em guerras em grande escala. O Martelo do Império, a Guarda Estelar, foi dividido em Exército e Marinha, com o Exército Imperial ainda sendo fragmentado em regimentos separados de infantaria, blindados e artilharia, sem possibilidade de combinação. O ataque descrito no livro de Guilherme foi muito mais devastador que a rebelião de Hórus, acabando de uma vez com qualquer chance do Império formar exércitos tão poderosos quanto os da época da Grande Cruzada no futuro. Além disso, ele levou a rivalidade tradicional entre as forças terrestres e a marinha a um novo nível de conflito. Não é à toa que Taylor não suporta a Marinha Imperial. Só podemos dizer que Guilherme foi genial - uma verdadeira inteligência suprema! Seguindo o exemplo de Taylor, a Senhora Nova também soltou um comentário: - A Frota do Classe do Gás (a marinha estelar dos Tau) perdeu comunicação. Parece que eles podem ter sido... aniquilados. Era de se esperar. As naves dos Tau não são boas em batalhas espaciais prolongadas. Sua tecnologia não consegue produzir escudos de vácuo, então suas naves dependem principalmente de campos de plasma para proteção - inclusive, até este posto estelar aqui usa o mesmo sistema. Aqueles campos azulados são compostos de plasma superaquecido e resistente. Sob o ataque dos insetoides, as estátuas voadoras que parecem morcegos lançam rajadas contínuas contra os escudos, fazendo-os brilhar incessantemente.